



Barbara Freitag (p.60) pode ter razão quando diz que a teoria da ação comunicativa não é "kantiana, não é transcendental, não é inata".

Entretanto, Habermas pode estar idealizando um passado inexistente ou mesmo as possibilidades contidas no pensamento que deu escopo ao ideário iluminista.

Em outras palavras, a razão instrumental não seria, a nosso ver, uma "cria bastarda", um acidente ou ainda somente um fruto do alcance superior dos meios em relação aos fins. Seria, isto sim, uma possibilidade - acredito que a maior - concreta do desdobramento da ^{linha} ~~[?]~~ autoritária/totalitária que perpassa o pensamento político a partir da idéia de absoluto que, de forma expressa ou tácita, ^(pensamento único) ~~o~~ permeia até nossos dias.

(Sobre isso, verificar Roberto Nisbet, "os filósofos sociais", capítulo "a comunidade política".)

Ao não tratar da dimensão ontológica da filosofia, acaba por ser vítima da vocação "pós filosófica" no afã de buscar (reter) uma nova razão, não dogmática, para *realizar* um *porvir*, uma visão de "modernidade em evolução", não digere e sim ingere os impasses da história da filosofia, no caso, tomando o pensamento iluminista pelo que não é. [?]

(Como o Marxismo, por isso, Habermas abre a possibilidade de constituir várias ontologias, ao não tratar de forma direta o problema da filosofia.) ①

Se esta constatação for legítima, teremos identificado o "elo fraco"

desta teoria que identifica o seccionamento entre "mundo vivido" e "mundo sistêmico".

2 .

2 . 1 .

Porque este seccionamento?

Porque o mundo sistêmico é tomado com base em seus dois subsistemas, o econômico e o político, sendo que os núcleos de um e de outro seriam, respectivamente, o monetarismo e o burocratismo (poder).

Neste mundo, a "visão sistêmica exclui o diálogo, de resto [des]necessário na sociedade cuja forma de codificação das relações sociais encontrou no dinheiro uma linguagem universal" (p.61).

Esta lógica impõe-se sobre as diversas esferas do sociedade, procurando colonizá-las.

Ora, então são como água e vinho [?] coexistem, mas não se misturam.
quite

Um impasse: quando, por fim, nos libertaremos do jugo (ou seja, não pela supressão, mas pelo controle) do mundo sistêmico? Como pode a razão (resumida a um diálogo) ter potência para submeter os meios? Em suma, quando nos livramos do "pecado original"?

Para Marx, com o comunismo; para Hegel, com o conceito; para Kant, de forma transcendental, para efeitos de "razão prática", com o imperativo categórico. E para Habermas, já que segundo a própria autora, a "modernidade é um porvir"?

(- Como Habermas pretende destituir o mundo sistêmico?

O *monetarismo* é a forma atual da mercadoria, e o *burocratismo* é a articulação necessária dos meios.

- Sem dúvida Habermas institui uma recorrência, mas limita-se às próprias premissas, com a ação comunicativa. Realiza assim a dissolvên-^Dcia e a ossificação das categorias.

Sua epistemologia é recorrente, mas a ontologia é fechada, não é recorrente em relação à própria essência.

- A Teoria Crítica como um todo incide na dissolvência das categorias.

Adorno: atualiza e inverte Marx, a invés de realização da essência, opera a negação da essência, tendo como "evasão possível" a teoria estética, para a determinação de uma relação humanista possível com o mundo [será esta uma raiz da ação comunicativa?]

Marcuse: para ele, até a arte deixa de ter razão de existir.) (J)

2.2.

O sistema habermasiano, tem méritos e ^{elucida} uma grandeza. Ao tratar do mundo vivido, "da perspectiva dos atores, inseridos em situações concretas da vida, essa visão (...) permite compreendê-la a partir do cotidiano de seus atores, de suas vivências e experiências partilhadas" (p. 61).

Aqui Habermas parece romper com o desprezo pelo particular, que leva consigo o despreço ao indivíduo, que perpassa as filosofias de Hegel, Marx e mesmo o "mundo do trato prático-utilitário presente na epistemologia e Kosik.

de

(Habermas tem esse mérito de ^{resgatar} ~~respeitar~~ a idéia de particular, ^{chaves de} ~~do~~ ^(a telefun) mundo vivido. Para Hegel o conceito só se revela através da filosofia [qual o parentesco dessa, com a racionalização de Habermas?] e o entendimento é bastardo, suas particularidades são o mal necessário para se elevar do conceito à idéia. Ele recupera a dignidade daquilo que Hegel via como o mundo da morte, da particularidade, só superável com a "astúcia da razão". Recupera a faculdade hegeliana do entendimento que, em Marx é alienação, falsa consciência.)

Ainda que incorrendo no risco de endeusar o mundo doméstico, Habermas cumpre a notável tarefa de revelar aos olhos da "intelligentsia", o "mundo do existir" - como chamamos o seu "mundo vivido" - o mundo dos indivíduos comuns, nem por isso menos legítimo ou trágico, do que aquele dos "filósofos" e "heróis".

(Outro risco é o de criar um abismo entre o mundo vivido e o mundo criado (sistêmico). Marx apontava ^{o mundo vivo} a unidade como objetivo e, em Hegel, o movimento de unificação cabia ao conceito. É certo que ambos caracterizam filosofias fechadas, com início e fim. Habermas avança ao estabelecer a distinção, mas não estabelece bases para a "unificação".)

o sistema, a vida

3.

Habermas parece romper com um dos "pés" da "triade do absoluto" (dogmatismo, verdade absoluta, dissolvência). Com o segundo "pé", sua filosofia estabelece, a partir do "diálogo", uma espécie de recorrência que parece ser mais epistemológica do que propriamente ontológica. O aparente paradoxo se explica pela abordagem (otimista) que dá à filosofia das luzes.

De resto, a dissolvência e a negatividade estão fortemente impressas

em seu juízo sobre aquilo que para nós é o *verdadeiro* espírito humano: os meios com destaque a mercadoria e o Estado.

4.

O impasse que temos em mãos está apenas à altura das dificuldades da época (de uma forma geral) e da grandeza deste sistema (a filosofia de Habermas em particular).

As referências a partir da obra de AGF são fundamentais e preciosas, entretanto, à luz de um sistema desta magnitude, revelam-se *em princípio*, fragmentadas e algo desconexas.

Só para referir, temos que relacionar o lugar da *filosofia* (ontologia), o problema da *razão*, do *sujeito*, só para citar o mais complexo.

(Persiste o problema de combinar uma racionalização sobre o mundo, sem que se torne uma razão autoritária e um *ethos*, um lugar para que se realize. A ação sobre o mundo pressupõe não apenas um processo, mas também meios. Caso contrário, teremos uma "utopia": sem lugar e sem tempo.

Uma razão que procure se livrar dos traços autoritários deve compreender uma distinção (e uma abstração) necessária entre o *Ser* (essência do homem, processo da práxis) e *Existir* (movimento concreto, em determinado momento). E, assim, recuperar o sentido de totalidade concreta, na qual investigaremos como as partes determinam a essência e como a essência constitui as partes.)

(TRABALHANDO "COM" E "SOBRE" HABERMAS)

Intuímos que devemos proceder a um movimento em dois sentidos.

Primeiro, rumo ao passado, aos "velhos" da "Escola" de onde Habermas obteve suas fontes, de uma forma mais distante ao pensamento (a filosofia política) das "luzes", desfazendo esta visão idílica da "razão boa" (que soa como "comunismo primitivo"), sem entretanto - e isto é um desafio - cair nos descaminhos do irracionalismo.

Segundo, rumo ao futuro, ter no "gigante" Habermas um ponto de apoio para proceder ao "trabalho de recuperação da obra de AGF", para que então ela possa revelar todo seu alcance, humanismo e *potência*.

5 .

Como "pista" inicial, para compreensão, é necessário, não apenas descartar, mas proceder a uma reconstituição de sentido dentro do materialismo das noções do "mundo sistêmico" x "mundo vivido" por "esfera do ser" x "esfera do existir".

Este trabalho ^{pois} ~~por~~ permitir:

1) uma autonomia relativa entre filosofia e razão;

2) uma autonomia relativa entre "Ser" e "Sujeito", entre "Ser" e "Existir";

sem o que dificilmente sequer equacionaremos nossos atuais impasses.

(Em síntese:

- a essência do Ser é a *violência*;

- a essência do Existir é a *tragédia* (tudo lhe excede: meios materiais, instituições, filosofias, amor).

- É necessário criar condições para admitir e enfrentar a dualidade entre Ser e Existir.

- É preciso estabelecer um conceito sobre o gênero e com este se relacionar de um ponto de vista abstrato, sem que esse esforço de racionalização configure um modelo de Estado ou de regime político e que considere a autonomia relativa entre o Ser e o Existir.

- Especulação: se houver vida em outros planetas, o Ser será necessariamente violento, mas o Existir poderá ser diferente.

- É possível ^{liberar} ~~superar~~ o Existir, mas é impossível modificar a legalidade do Ser, com a supressão dos seus elementos. [?] O homem não pode deixar de ser violento, mas pode superar a tragédia.

do mesmo nível, efeito de raciocínio

- Não podemos estabelecer duas racionalidades, uma filosófica e outra instrumental. Ao contrário, a consciência tem que tentar e afirmar, identificando os traços gerais do Ser e procurando orientar sua história (um processo em aberto) e se afirmar ontologicamente, administrando a violência, o gigantismo dos meios, a familiaridade, buscar o controle de um mundo sem evasão possível [evocar Victor Serge e *As Vinhas da Ira*].

- Não há como "optar" entre as iniquidades do capitalismo e do socialismo, discutindo distintos graus de extermínio, qualificando os males como menor ou maior, pior ou melhor. A razão possível terá que con-

vivier e administrar a neurose, a infelicidade.

- Temos que criar a possibilidade de discutir, no senso comum, aquilo que, num nível mais articulado, a filosofia discute.

- A religião pode ser uma necessidade para traduzir a filosofia para o nível das pessoas comuns, pode ser algo mais forte que ideologia, estabelecer uma transcendência em relação ao cotidiano, construindo um novo céu, ou uma marcha para as estrelas.

- Temos que abandonar a utopia, sem tempo e lugar, e criar condições para enfrentar a tragédia.

- O partido é o elemento mais nobre de controle, de realização do Ser e do Existir, e responde àquilo que a ação comunicativa não responde: como se apropriar dos meios? ⑤

- Lembrar a cena final das Vinhas da Ira: a personagem dizendo que nada mais os poderia abalar, já estavam "curtidos", já haviam passado por tudo: isso é a consciência de que existe, é estar apto a lutar num mundo sem evasão possível, me

*Um elemento a não fugir,
 assim como Existir,*

(- Habermas examina a esfera pública com um método indutivo analítico, contorna a filosofia e atribuiu ao seu discurso uma sistematicidade que parece irrefutável. ⑥

- Habermas falha em recusar o ^{momento} movimento viril da consciência, que é ^{fundamental} dominar o mundo sistêmico, a alma dos homens fora dele, e estabelecer controle. ⑦

*como possível;
 - 8 - também.*

(- A esfera pública atual é recorrente no sentido formal (direito, legalidade). O parlamento pode decidir sobre sua própria constituição, pode optar pelo regime político, inclusive pela sua própria substituição; *no caso, outup pro e tempore*

- Essa recorrência formal também se verifica em Habermas e abrange o sentido da verdade, é epistemológica.

- Essa recorrência formal não diz respeito a uma vontade, mas à legalidade na qual se dá o debate.

- A recorrência a que aspiramos não pode ser o simples convencimento de vontades (ou admitiríamos a possibilidade de implantar o socialismo pelo convencimento dos parlamentares ou de uma decisão parlamentar).

- Essa recorrência não pode ser limitada às regras do direito, um jogo com regras conhecidas. Não serve ^{- e não há} a analogia ^{do} jogo de xadrez, onde os parceiros estão de acordo sobre quase tudo (64 casas, 36 peças, brancas dão o primeiro lance, etc.).

- A política ~~tem que incluir~~ ^{inclui} as próprias regras ^{do jogo} da política no debate. *confito, (→ vs disputa)*

- A ação comunicativa não é capaz, não é potente, por negar o espírito real dos homens (e a razão instrumental é pejorativa, o que não é "verdade" num sentido ontológico). *relativiza, duas reduções*

- Por exemplo, o direito à rebelião, pegar em armas, tem que ser encarada como possibilidade. Um processo de constituição da cidadania tem que prever e dotar essa possibilidade de transparência: independentemen-

①

Revisão de texto

~~Tenemos~~ tem relação alguma,

Tem se revirado durante as vidas de filhos humanos, e
outra, vai fundo história fechada

Tos → isto há que se repetir durante as vidas humanas,

~~sem~~ todo isso justificativa, por isso,



①

— um visus antigo,

ele pp o parent e homem, a se base sempre e, deficiente,

e ele há isto mesmo, e + história e história

nome → recta (o d. bilha) se o universo, mas em

princípio base sobre mundo de homem fecho (ouly) - e ideia

de que consciência: conceito de homem se há de homem história,

de que e há de homem e homem, cada um expressão, por que e

disso mas o se os homem de, mas o se de homem de, história,

distância o de de de o se e o homem,

mas, no pp e história, desde um mundo, mas se em a

há o se de de, mas o se de de, de de o império,

(L)

elle est, en fait, gelée et se trouve, par conséquent, dans
l'attente.

~~est~~, d'abord, on trouve un o se o dans une de, et
certaines de ces lettres de type, intentionnelles avec une idée d'instabilité,
par exemple, c'est impossible, et c'est une forme de retard, regard et de
révision, et une autre, d'abord, l'absence d'instabilité et l'absence de
type de révisibilité, ainsi que d'efficacité, et d'efficacité, par ~~exemple~~ et
révision de la forme réelle, densité, l'absence.

Mais aussi, si la lettre se trouve dans l'attente et si elle se
trouve aussi, c'est l'absence de la lettre si elle est présente.

- bien sûr, la lettre si elle est présente, et une autre se est,
- o se trouve, si seulement, c'est une lettre, elle se trouve dans o
l'absence,



④

de la comuna pentru, unde, se vede, timp e- cumpara
reputat)

in cele mai tari si multe republici din lume,
candva e de a doua decada si se poate de putina in general, in toate
cari: de o dorinta este a se, unde se poate sa
se stie rezultate si de a doua de a doua,
si in timp, astfel, in cele de.